

A PAISAGEM COMO UM POTENCIAL TURÍSTICO DE FOZ DO IGUAÇU: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DA PAISAGEM DO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU E DA USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU

Landscape as an aspect of tourism potential in Foz do Iguaçu: an exploratory study of the landscape of the Iguaçu National Park and Itaipu Hydroelectric Dam

El paisaje como un potencial turístico de Foz de Iguazú: un estudio exploratorio del paisaje del Parque Nacional de Iguazú y de la Usina Hidroeléctrica de Itaipú

Aline Patrícia Henz

alinepatriciah@yahoo.com.br

Professora do curso de turismo da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul Mestre em Turismo e Hotelaria (2009) pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI - Balneário Camboriú (SC), Especialista em Gestão das Organizações (2007) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Foz do Iguaçu (PR) e Bacharel em Turismo (2005). Temas de atuação: planejamento; políticas públicas; captação de recursos; espaço; metodologia; gestão de pessoas.

Josildete Pereira de Oliveira

jliveira@univali.br

Universidade do Vale do Itajaí, Professora e Pesquisadora Doutora em Geografia – Université de Caen Basse Normandie - França. Mestre em Natureza. Meio ambiente, Sociedade – Université de Caen Basse Normandie - França. Graduada e Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal da Bahia

Correspondência

A/C Josildete Pereira de Oliveira

Quinta Avenida, s.n Balneário Camboriú, SC, CEP – 88337-300 – UNIVALI

Data de Submissão: 29/09/2008

Data de Aprovação: 28/10/2009

RESUMO

Este artigo apresenta a relação entre paisagem e turismo e suas classificações. O estudo destes conceitos é essencial para compreender a paisagem de Foz do Iguaçu, com atrativos naturais e artificiais, respectivamente o Parque Nacional do Iguaçu e a Usina Hidrelétrica de Itaipu, além da paisagem formada pelas fronteiras com a Argentina e o Paraguai. O objetivo foi identificar quais os atrativos que apresentam hierarquia máxima no complexo turístico do município. A metodologia caracteriza-se como um estudo de caráter exploratório, cuja coleta de dados privilegiou a pesquisa documental e bibliográfica, além da observação no local. Como resultado da análise, constatou-se a potencialidade da paisagem como um fator chave a ser explorado no planejamento da atividade turística local, mas recomendando igualmente a elaboração de novas pesquisas focadas na paisagem como atrativo turístico relevante para Foz do Iguaçu.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo, Espaço turístico, Paisagem.

ABSTRACT

This article presents the relationship between landscape and tourism and their classifications. The study of these concepts is essential for understanding the landscape of Foz do Iguaçu, with its natural and artificial attractions: the Iguassu National Park and the Itaipu Hydroelectric Dam, as well as the landscape formed by the borders with Argentina and Paraguay. The objective was to identify the attractions that present the maximum hierarchy in the tourism offer of the municipal district. The methodology is characterized as an exploratory study, and the data collection involved document research and a bibliographic review, as well as direct observation in the area in question. As a result of the analysis, the potential of the landscape was verified as a key factor for exploitation in the planning of the local tourist activity, but the elaboration of new research is also recommended, focusing on the landscape as an important tourism attraction for Foz do Iguaçu.

KEY-WORDS: Tourism – Tourism Space - Landscape.

RESUMEN

Este artículo presenta la relación entre paisaje y turismo y sus clasificaciones. El estudio de estos conceptos es esencial para comprender el paisaje de Foz de Iguazú, con atracciones naturales y artificiales, respectivamente el Parque Nacional de Iguazú y la Usina Hidroeléctrica de Itaipú, además del paisaje formado por las fronteras con la Argentina y el Paraguay. El objetivo fue identificar cuáles son las atracciones que presentan jerarquía máxima en el complejo turístico del municipio. La metodología se caracteriza como un estudio de carácter exploratorio cuya recolección de datos privilegió la investigación documental y bibliográfica, además de la observación en el sitio. Como resultado del análisis se constató la potencialidad del paisaje como un factor clave a ser explotado en la planificación de la actividad turística local, pero recomendando igualmente la elaboración de nuevas investigaciones centradas en el paisaje como atracción turística relevante para Foz de Iguazú.

PALABRAS CLAVE: Turismo. Espacio turístico. Paisaje.

1. INTRODUÇÃO

As informações observadas no meio, na natureza, nas formas, assim como a própria imaginação são recebidos por nós através da percepção e de seu arranjo espacial que irá configurar as dinâmicas da paisagem (YÁZIGI, 2002). Santos (1997) afirma que as paisagens são arranjos e formas em um determinado momento, sendo resultados de processos passados ocorridos, refletindo os diferentes tipos de estruturas, onde se encontram as formas reveladas, naturais e artificiais.

A paisagem não é apenas um produto da história ou da geografia, ela reproduz a história, como explica Carlos (1999), onde o dinamismo da paisagem termina refletindo todo processo de mudanças determinado pelo ritmo do desenvolvimento das relações sociais, sendo que a paisagem então passa a se reproduzir de acordo com as necessidades humanas.

Enquanto as ciências naturais conceituam a paisagem a partir de uma abordagem geográfica, as ciências sociais buscam compreendê-la numa concepção de relação entre o ser humano e seu meio (TROPMAIR, 2001). Segundo Santos (1997), a paisagem é parte integrante do espaço e sofre, juntamente com ele, processos de transformação natural e antropológica, visto que a paisagem não é estática, apesar de que suas definições e estudos ultrapassam a linha da geografia ou até mesmo das ciências ambientais.

O turismo se ocupa dessas configurações espaciais para desenvolver sua atividade, sejam elas paisagens construídas ou vislumbradas na exploração dos recursos naturais, ambas com a carência de planejamento adequado, respeitando além do recurso todo entorno em que se insere.

Este artigo apresenta a relação entre paisagem e turismo e suas classificações. Deste modo, segundo Dollfus (1991) ela pode ser natural, modificada ou organizada. A paisagem natural corresponde ao meio que ainda não sofreu intervenção humana, já a modificada sofreu a ação do homem, como nas atividades pastoris e nas queimadas. A paisagem organizada é aquela que apresenta intervenção, porém de maneira combinada e contínua, buscando preservar, em parte, seu conceito natural.

As paisagens artificiais estão, nessa perspectiva, inseridas no contexto da paisagem organizada, porém, muitas vezes seu conceito destoa do da preservação do espaço natural. Dollfus (1991) afirma que as paisagens artificiais são descoladas de seu entorno e este deslocamento se apresenta sob duas perspectivas: a primeira no sentido da aparência ou de sua fisionomia, já a segunda no sentido de seu conteúdo, ou seja, de seus significados. De todas as maneiras cabe ressaltar que a paisagem urbana pode se subdividir em paisagem natural e artificial.

A cidade de Foz do Iguaçu é uma paisagem urbana caracterizada como um complexo turístico que abrange de um lado a paisagem natural, representada pelo Parque Nacional do Iguaçu, e de outro a paisagem artificial que se consolidou com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. O conceito de complexo turístico é caracterizado por Boullón (1997) como sendo a distribuição espacial onde há existência de um ou mais atrativos da mais alta hierarquia, que juntamente com outros atrativos complementares, atinge a taxa mínima de três dias de permanência dos turistas. O mesmo autor afirma ainda que só é possível considerar como complexo turístico a organização espacial que apresenta no mínimo um centro turístico principal e mais três centros localizados próximo ao principal. Partindo desse pressuposto, Foz do Iguaçu apresenta dois atrativos já considerados secundários, sendo eles a fronteira com o Paraguai e a fronteira com a Argentina. Sendo assim, o objetivo deste estudo está em apresentar dados e características que identifiquem qual é o centro principal do complexo turístico do município, ou através da paisagem natural (Parque Nacional do Iguaçu) ou através da Usina Hidrelétrica de Itaipu (paisagem artificial).

Para tanto, além da metodologia de classificação identificada por Boullón, a pesquisa deteve-se principalmente na observação, já que Menezes (2002, p. 23) diz que "não há paisagem sem um observador. A percepção visual é, desta forma, condição fundamental para a existência da paisagem". A apresentação de dados foi realizada a partir de consultas em documentos da cidade e dados estatísticos da Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu.

2. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE FOZ DO IGUAÇU

Este estudo, como já apresentado, tem o objetivo de caracterizar a paisagem urbana de Foz do Iguaçu em sua configuração natural e edificada. Primeiramente é necessário entender todo o contexto do espaço geográfico para então partir para a compreensão da paisagem. O espaço físico apresenta toda existência de uma localidade, com características políticas, econômicas e sociais (RIGOBELLO, 2006). Santos (1994, p. 20) define que o "espaço aparece como um substrato que acolhe o novo, mas resiste às mudanças, guardando o vigor da herança material e cultural". Deste modo, as tais características citadas devem ser levadas em consideração juntamente com todo formato que o espaço adquiriu como resultado da cultura história e da evolução da atual sociedade.

Na delimitação do espaço físico, Foz do Iguaçu situa-se no extremo oeste do estado do Paraná, na região Sul do Brasil. À Leste, o Estado do Paraná tem seu limite territorial com o Oceano Atlântico; ao Norte faz fronteira com os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul; ao Sul limita-se com o estado de Santa Catarina e a Oeste o Paraná faz divisa com a Argentina e o Paraguai. Este limite territorial internacional, acontece pelo Rio Paraná, na divisa com o Paraguai e com o Rio Iguaçu, na Argentina, representado a Tríplice Fronteira com as cidades de Foz do Iguaçu (Brasil), *Puerto Iguaçu* (Argentina) e *Ciudad del Este* (Paraguai). O nome da cidade paranaense originou-se pelo fato de que a foz do Rio Iguaçu encontra-se a seis quilômetros da localidade, enquanto que o Rio Paraná tem sua maior importância por abrigar as quedas conhecidas como as Cataratas do Iguaçu.

A área total do município, segundo a Secretaria Municipal de Foz do Iguaçu, é de 433,3 Km², sendo que a área urbana compreende 165,5 Km², a rural 161,2 Km² e a área do Parque Nacional Iguaçu totaliza 106,6 Km². Sua configuração atual apresenta ocupações bastante espalhadas por toda extensão que abrange a localidade. A área construída da cidade é esparsa com predominância

de casas com um pavimento, exceto o centro da cidade, com a presença de prédios, onde se localizam os estabelecimentos comerciais e também próximos à Ponte da Amizade, que liga o Brasil ao Paraguai, onde a atividade do comércio também é predominante. A paisagem pode ser considerada plana, uma vez que apresenta ondulações apenas em alguns pontos centrais e a formação rochosa basáltica, principalmente no leito do Rio Paraná, que se caracterizou como fator decisivo para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, considerada a maior usina hidrelétrica em produção anual de energia do mundo.

Desde o início da colonização até o desenvolvimento econômico atual, Foz do Iguaçu passou por diversas atividades econômicas, como extração da erva-mate e da madeira, sendo que atualmente sua economia se baseia principalmente em torno da atividade turística e também do comércio na região de fronteira com o Paraguai, configurando, desse modo, a organização da paisagem urbana do município.

Foz do Iguaçu, com toda a sua diversidade de atrativos, representa um dos mais belos destinos turísticos do mundo. Possui riquezas naturais incomparáveis, como o Parque Nacional do Iguaçu, tombado como Patrimônio Natural da Humanidade e onde estão localizadas as Cataratas do Iguaçu. Outro ícone que impulsiona o turismo local é a Usina Hidrelétrica de Itaipu, constituída também pelo Complexo Turístico de Itaipu, que engloba o Ecomuseu e o Refúgio Biológico Bela Vista. Outro atrativo bastante visitado é o Marco das Três Fronteiras, divisa do Brasil com o Paraguai e a Argentina, onde se podem apreciar os três marcos simultaneamente, além do encontro dos rios Iguaçu e Paraná.

3. PAISAGEM E TURISMO

A paisagem não passou a existir após o nascimento do homem, ela já estava lá. Mas só quando o homem presta atenção na paisagem é que surge o seu conceito. A paisagem é o que se vê, o real, o vivido, o sentido diferentemente para cada ser humano. Estes elaboram seleções pessoais, julgamentos de valor de acordo com a análise individual da percepção. Esta análise sofre influências sociais, culturais, ambientais ou emocionais conforme o tipo de uso da paisagem para cada pessoa. Para Gomes (2001), a paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo que por sua vez é condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente. Ou seja, para cada observador a paisagem tem um sentido, seja de contemplação, utilitarista, estética ou até mesmo indiferente. Paisagem é ainda uma imagem, que por meio de fotografias e obras de arte divulgadas pelos meios de comunicação é capaz de reproduzir paisagens a serem conhecidas e terem valores mundialmente conhecidos. As novas concepções de geografia cultural permitem uma discussão acerca da paisagem e seus novos conteúdos, como novas maneiras de percepção e representação através do imaginário e do simbolismo (CRUZ, 2002). Terkenli (2002) afirma que a contextualização da paisagem como "imaginário" dos espectadores trabalha com ideia da geografia humana, com a visão do modo de vida e as características locais e regionais e, o turismo é constituído dessas análises contemporâneas de mudança, fornecendo o meio de contato e intercâmbio cultural.

Deve-se analisar a paisagem como um bem que vai além da percepção da natureza, deve-se incorporá-la à civilização para então compreender os aspectos de cultura, ética e moral que as paisagens desempenham na vida social coletiva. Para Bertrand (1971), a paisagem não está determinada como porção do espaço, sendo o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente, uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

De maneira geral, as atividades humanas trazem reflexos imediatos à paisagem. A paisagem urbana pode ser interpretada como o resultado das ações do homem no espaço. No seu contexto aplicado, é o conjunto dos elementos, edificados ou não, resultantes da aplicação das regulamentações e das sucessivas transformações ao longo do tempo, que definem o caráter de um local dentro de uma cidade. O marco do desenvolvimento urbano com vista à contemplação da paisagem e território teve início com a Revolução Industrial, quando além da difusão do capitalismo, houve também a revolução das cidades, com valorização das artes, da arquitetura, da história e principalmente da configuração do espaço como algo construído, que viria a tornar-se alvo da exploração do turismo remetendo às paisagens construídas, segundo Yázigi (2002, p. 17), "as cidades são formadas por uma

profusão de formas arquitetônicas, reveladoras de história, tecnologia, virtudes estéticas e muitas outras informações". Terkenli (2002) relaciona que as novas concepções sobre a paisagem estão direcionadas à novas expressões, as tensões e aos desejos dos estilos moderno e pós-modernos de consumo, muitas vezes emprestados pelo discurso e as imagens do 'outro', o diferente, o exótico, o distante, a não-casa. Turismo não é apenas um dos sistemas dominantes de consumo na atualidade, é também ganhador do mundo, principal produto de exportação e como tal, cria paisagens onde a produção cultural, na forma das indústrias culturais (de produção e consumo) predominam em ambos os modos real e simbólico (TERKENLI, 2002).

Assim que surge a ótica da paisagem urbana, por meio do diálogo entre o território e o usuário permitindo que as práticas de planejamento urbano sejam constituídas de um novo significado, "a cidade deve ser vista como uma representação da condição humana, sendo que esta representação se manifesta por meio da arquitetura em si e da ordenação dos seus elementos" (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 23).

Em um contexto como o brasileiro, no qual a globalização de mercados e a homogeneização das informações e, portanto, do conhecimento, tendem a uniformizar os comportamentos (inclusive aqueles relativos ao planejamento urbano), a identificação dos recursos do patrimônio que caracterizam a população adquire um significado importante e necessário. Boullón (2002, p. 23) comenta: "a captação dos pontos focais de um centro turístico origina a formação de um número equivalente de imagens fortes, que ao se correlacionarem na mente dos visitantes permitem elaborar uma síntese do espaço urbano".

A constituição da paisagem urbana deve ser estudada a partir de todo seu contexto histórico, questões que vão desde a colonização até seu processo de modernização, sendo que o equilíbrio entre a conservação e o desenvolvimento do território constitui uma pré-condição para a prática do planejamento urbano. As políticas específicas de planejamento tratam dos espaços naturais, rurais, urbanos e as suas periferias. Compreende a paisagem terrestre, os lagos, os rios e os mares, considerando as paisagens excepcionais e as paisagens da vida cotidiana.

Nesse contexto entende-se que as paisagens naturais e artificiais são componentes do todo que formam a paisagem urbana. "As paisagens naturais baseiam-se em conservar o meio natural de tal modo que as obras turísticas o afetem o menos possível" (BOULLÓN, 1997, p.194), portanto, deve haver políticas de planejamento que promovam o ambiente natural, sem planejar a paisagem, isto porque a paisagem natural é subjetiva, o que deve ser levado em consideração então, é todo seu entorno. Por outro lado, as paisagens artificiais ou construídas são aquelas modificadas pela presença do homem e estão diretamente ligadas à prática da atividade turística, ou à chamada cultura de massa e à capacidade tecnológica dos tempos atuais para criação de formas descoladas do território em que se inserem (CRUZ, 2002).

Assim, algumas cidades reorganizam-se para produzir paisagens que sejam atrativas tanto para o consumo como para o lazer, adaptando, muitas vezes, a paisagem natural em características contemporâneas, tornando o espaço uma mescla de atrativos naturais e construídos, apresentando então toda dinâmica da paisagem urbana. Como atrativo turístico, as paisagens contemporâneas mudam e se adaptam às preferências do público, ao mercado e também aos novos valores culturais, assim, elas se tornam, por natureza e por função, a mais direta e imediata expressão geográfica da nova cultura global de espaços (TERKENLI, 2002).

Para Yázigi (2002), a paisagem está diretamente ligada a ideia de espaço, é constantemente refeita de acordo com os padrões locais de produção, da sociedade, da cultura, com os fatores geográficos e tem importante papel no direcionamento turístico. Não se trata de dizer que a paisagem seja a única forma de atração, mas que pesa muito no contexto de outros fatores, pois o turismo depende da visão de cada observador.

Cruz (2002) aborda para uma reflexão interessante. Afinal, o que é uma paisagem turística? Segundo ela, assim como para Yázigi (2002), elas só existem em relação à sociedade, elas não existem a priori, como um dado da natureza, são reflexos da ação social que dá sentido às paisagens, não o contrário. Seguindo esse raciocínio pode-se concluir que toda paisagem pode ser turística, depende apenas do seu observador e de como ele interpreta o sentido de cada paisagem, mas um fato é verdadeiro: o primeiro contato do turista com o local visitado acontece através da paisagem.

De acordo com Cara (2001), do ponto de vista territorial, o turismo é um grande consumidor de espaços, além de produtor e transformador, conseqüentemente também tem a tendência a preservar, otimizar ou ainda modificar as paisagens adequando-as ao seu uso. O mesmo autor ainda defende que a atividade turística cria imagens e representações que envolvem não só os agentes e a sociedade, caracterizados como mercados, mas afeta também, e principalmente, as localidades receptoras, que buscam conceitos e valores de seu território. Eis aqui a controvérsia entre preservar a paisagem natural ou recriá-la buscando um novo contexto na paisagem construída, que irá depender das políticas locais de incentivo e fomento do turismo. A crítica mais comum a esta última decai no fato de que normalmente a construção de paisagens exclui a sociedade local, construindo-se imagens e símbolos fora do contexto de todo território já existente quando busca somente resultados físicos e econômicos da atividade turística.

Coloca-se a ideologia como o centro de estudos da paisagem, pois esta é um produto carregado de símbolos que refletem a estética das localidades, podendo ficar distorcida no turismo quando não se apresentam em sua forma real, como no caso de ocultar a paisagem que representa a pobreza e as distorções aparentemente negativas do lugar. As condições de visibilidade do observador em relação à paisagem no momento da observação também são relevantes. A distância, a posição do observador, as condições atmosféricas e a iluminação entre outros fatores como o tempo de duração e o movimento do observador determinará a profundidade e o detalhamento da observação paisagística. A leitura dos signos estabelece uma relação com o espaço de vivência.

A paisagem como atrativo turístico tem além de uma lógica de comercialização, a lógica do imaginário social e das manifestações culturais. Os problemas decorrentes entre paisagem e turismo acontecem em vista do conteúdo simbólico da paisagem. A apreciação dessas e dos espaços eram antes privilégios da elite social, enquanto que atualmente as paisagens estão presentes no imaginário social de toda a sociedade, ou seja, a paisagem está massificada, está disponível para todos, principalmente através da prática do turismo. A sociedade está se rendendo a um mundo de representações, isto porque as viagens reproduzem imagens que constituem a base econômica das atividades de turismo.

Considerando a paisagem um produto cultural, ela deve ser também um bem coletivo de acesso a toda sociedade, que ao mesmo tempo em que é considerada uma prática coletiva, é também uma maneira individual de apreciar os bens culturais de uma localidade. Atualmente, o grande problema enfrentado pelos governos e seus diversos regimes, é de conseguir tornar a paisagem um bem acessível a toda população, sendo que nesse momento torna-se essencial a prática do turismo, através de políticas de investimento de infraestrutura, de avanços na tecnologia de transportes e no tempo livre e remunerado à massa trabalhadora, o que barateia as viagens.

Como paisagem turística podemos assim entender a natureza e sua gama de bens culturais, se tornando uma paisagem estilizada e valorizada. Todas as civilizações marcam seu território com traços que fornecem sentido e identidade ao local. Desse modo, a paisagem torna-se um problema político porque tanto seu sentido simbólico como estético são produzidos pela sociedade, utilizados como recursos turísticos que podem repercutir positiva ou negativamente. Já os espaços públicos, como praças e parques são produzidos pelas paisagens políticas, pois o governo pode interferir nos impactos causados pela apreciação delas.

Outro ponto que não se pode deixar de registrar é a pouca relação afetiva que a maioria das populações locais tem com a paisagem. Muitos moradores nem conseguem mais percebê-la. E como sensibilizar a população local para atividade turística se eles desconhecem o potencial paisagístico de sua cidade? Para os moradores, a cidade é um local de trabalho, moradia e não um atrativo turístico (CARA, 2001). Certamente eles se identificam mais com as atividades econômicas que mantêm o município, seja a exploração mineral, a agricultura, a pesca, etc. O turismo normalmente não é prioridade, isso leva a algumas conseqüências como descaracterização do patrimônio histórico, desmatamento desnecessário, a valorização de tudo que representa o novo ou o moderno. Tudo isso compromete o potencial turístico do lugar.

4. FOZ DO IGUAÇU: ATRATIVOS TURÍSTICOS DA PAISAGEM

A paisagem urbana é o conjunto constituído tanto pelas edificações como pelas relações que entre elas se estabelecem e sua inserção na malha urbana, auferindo que a paisagem urbana é formada pela

paisagem natural e construída, como no caso de Foz do Iguaçu, que apresenta de um lado o Parque Nacional do Iguaçu e todo seu complexo natural e, de outro, a Usina Hidrelétrica de Itaipu, considerada a grande obra da sociedade moderna com todos seus atributos tecnológicos. A cidade apresenta ainda a questão da fronteira com Argentina e Paraguai, uma paisagem diferenciada, que constitui toda formação da cidade, devido principalmente à presença da Ponte Internacional da Fraternidade (Argentina) e a Ponte Internacional da Amizade (Paraguai), determinando também toda logística de comércio e renda do município. A formação desta paisagem urbana (Figura 1) nos informa também sobre as relações existentes entre os elementos que decorrem de projetos de arquitetura, urbanismo, etc. A paisagem urbana relata a história da sociedade, sendo que na medida em que um espaço é edificado ele dialoga com o espaço já preexistente, isto é percebido na história de Foz do Iguaçu, quando houve toda uma adaptação de ruas, casas, bairros e vias para a instalação da hidrelétrica, reflexos até hoje percebidos nas áreas de instalação de indústrias e do comércio.



Figura 1: Mapa Turístico Foz do Iguaçu

Fonte: www.iguassufallstour.com

Neste sentido, relembrando o objetivo central deste estudo: apresentar dados e características que identifiquem qual é o centro principal do complexo turístico de Foz do Iguaçu, serão analisados agora a paisagem natural do Parque Nacional do Iguaçu e a paisagem construída da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

O Parque Nacional do Iguaçu foi criado em 1939, sendo o segundo Parque Nacional brasileiro a ser criado e atualmente sua área total é de 185.262,2 ha. Localizado na cidade de Foz do Iguaçu, no extremo Oeste do estado do Paraná, o Parque faz fronteira com a Argentina e em 1986 recebeu o título, concedido pela UNESCO, de Patrimônio Natural da Humanidade, por ser a última grande amostra do Domínio da Mata Atlântica que cobre grande parte da bacia do Prata, uma das mais importantes bacias hidrográficas da América do Sul (IBAMA).

O complexo ambiente do Parque Nacional do Iguaçu deve ser entendido a partir da abordagem sistêmica onde o conjunto da floresta, seus ecossistemas e o substrato geológico mantém uma intrínseca relação com os processos fluviais do rio Iguaçu. As características naturais do rio permitem estabelecê-lo como um dos principais agentes modeladores e mantenedores da paisagem da região. O equilíbrio dinâmico existente e permite a formação de microambientes físicos e o desenvolvimento de núcleos biológicos muito particulares e de grande biodiversidade.

Os processos externos naturais, em especial aqueles erosivos que já promovem significativa alteração desta dinâmica fluvial, atualmente encontram-se intensificados pela atividade humana, especialmente no entorno do Parque e na Estrada do Colono, que é alvo de discussão da comunidade científica preservacionista. Esta estrada fragmenta o Parque em dois ambientes, gerando impactos no ambiente físico, bem como nos componentes bióticos. Dependendo da resposta que o sistema apresentar (ainda não há pesquisas comprovadas cientificamente sobre os impactos da estrada) pode ser possível atrelar a não sustentabilidade de alguns ambientes nas vizinhanças à falta de manejo e utilização da estrada.

A área destinada à visitação pública, onde se encontram as Cataratas (Figura 2), abrange cerca de 3% do território do parque. A empresa que administra o parque, juntamente com o Ibama, busca aumentar a qualidade no atendimento aos visitantes, fomentar a educação ambiental e minimizar o impacto ambiental. Antes da implantação do plano de revitalização o Parque Nacional do Iguaçu possuía problemas relacionados com a visitação, porém, com o funcionamento da primeira fase do projeto de revitalização, a satisfação com os serviços oferecidos foi aprovada por 90% dos visitantes, entrevistados pelos próprios funcionários da empresa. Neste processo de revitalização, a estrutura foi projetada de forma a se integrar à natureza, utilizando materiais ecologicamente corretos e estruturas de madeira, para não perder as características rústicas, sendo que nenhuma das obras previstas no plano de revitalização se sobrepõe aos atrativos naturais.

Quanto ao sistema de visitação do PNI buscou-se ao mesmo tempo aumentar o número de turistas e reduzir os impactos ambientais, ação que pode ser percebida com o aumento do número médio de passageiros por veículo no interior do parque, diminuindo a emissão de gases poluentes e ruídos que prejudicam o *habitat* natural dos animais selvagens. Além disso, todas as áreas revitalizadas possuem estrutura adequada aos portadores de necessidades especiais, como sanitários; sistema de transporte e rampas de acesso. As principais ações do novo plano de revitalização, para cumprir com as normas ambientais e de sustentabilidade do turismo foram: transporte coletivo exclusivo; tratamento de esgoto; otimização do consumo de água; infraestrutura com mínimo impacto ambiental; baixo nível de ruído e reciclagem de lixo.

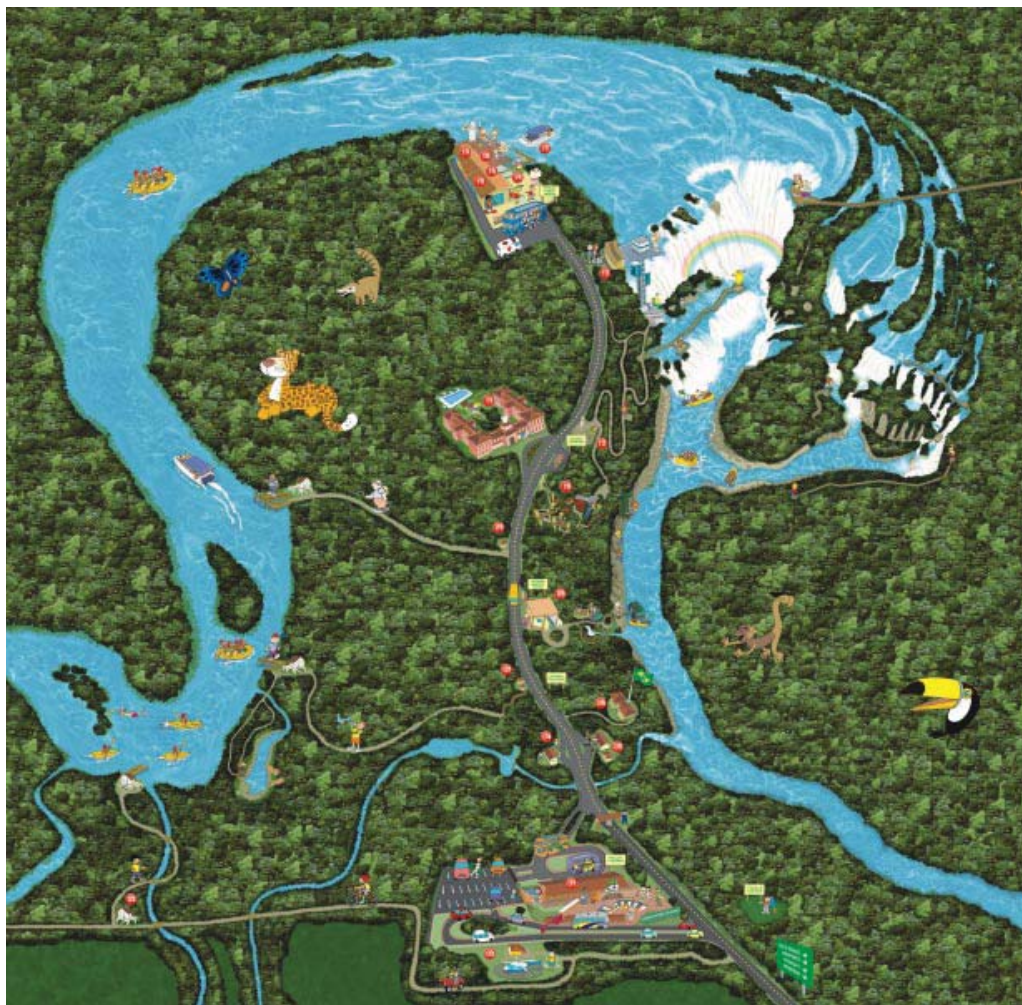


Figura 2: Parque Nacional do Iguaçu

Fonte: www.guiap.com.br

A maior atração do parque são as Cataratas do Iguaçu, um complexo de 275 quedas que se estendem por quase cinco quilômetros do Rio Iguaçu. Porém, o parque possui outras atrações turísticas, como a trilha do Poço Preto e das Bananeiras; o Salto do Macuco; o Centro de Visitantes e a estátua de Santos Dumont, responsáveis pela transformação da área das cataratas em parque nacional e um hotel de lazer (Hotel Tropical das Cataratas). A infraestrutura contempla trilhas e passarelas, um elevador panorâmico e barcos que fazem a travessia pelo rio, que segundo dados disponibilizados pelo parque, são infraestruturas adequadas aos diversos públicos e estão dentro das normas exigidas pelo Ibama e demais órgãos governamentais que fiscalizam as ações ao meio ambiente.

Do outro lado da cidade, verificando agora a paisagem edificada do município, apresenta-se a Usina Hidrelétrica de Itaipu (Figura 3). A construção da Usina resultou de negociações entre Brasil e Paraguai que ganharam impulso na década de 1960. Para formar o Lago de Itaipu, foi inundada uma das maiores belezas naturais do Brasil, as Sete Quedas do Guairá, na época considerado um grande complexo turístico da região oeste do Paraná. A usina foi construída no rio Paraná sob grandes apelos da população, mesmo que naquela época ainda não havia a consciência ecológica como acontece atualmente. A obra, hoje considerada inviável devido ao impacto ambiental causado, só foi possível porque os governos militares da época não recuaram diante dos protestos por todo o país. Em 1982, quando começou o enchimento do lago, que em duas semanas fez com que as águas subissem 100m, gerou manifestações de estudantes e de participantes dos movimentos rurais, que acamparam em torno da represa para protestar, uma vez que criada a barragem, perder-se-iam muitas terras produtivas, diversas espécies da fauna e da flora e vilas inteiras construídas.

A usina entrou em operação em 1984, e hoje é responsável pelo fornecimento de um quarto de toda energia consumida no Brasil, cerca de 25% nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste e por 95% do território paraguaio. O potencial de Itaipu coloca a usina no topo das hidrelétricas de todo o mundo, com uma capacidade de gerar até noventa bilhões de quilowatts/hora por ano. Sobre essas dimensões, a hidrelétrica é considerada “A Obra do Século” e uma das sete maravilhas do mundo moderno, conforme pesquisa realizada pela Sociedade Americana de Engenharia Civil com engenheiros de todos os países, superando o Eurotúnel (construído sob o Canal da Mancha) em quantidade de material e mão-de-obra utilizados.



Figura 3: Usina Hidrelétrica de Itaipu

Fonte: www.engesat.com.br

Devido a sua localização e também do comprometimento em ressarcir a população lindeira com os impactos causados atuando com diretrizes de responsabilidade social, a hidrelétrica criou o chamado Complexo Turístico de Itaipu, composto pela própria Usina; pelo Canal da Piracema; Refúgio Biológico Bela Vista e Ecomuseu.

O Canal da Piracema permite aos peixes migratórios vencer o desnível de 120 metros entre o Rio Paraná e o Reservatório de Itaipu, possibilitando o acesso às áreas de procriação e contribui, assim, para a conservação da biodiversidade e o aumento do estoque pesqueiro.

O Refúgio Biológico Bela Vista é uma unidade de conservação localizada às margens do reservatório de Itaipu e entre as atividades ambientais desenvolvidas está a produção de mudas florestais e plantas medicinais; reprodução de animais silvestres em cativeiro; recuperação de áreas degradadas; criação de peixes em tanques-rede; além de pesquisas e atividades de educação ambiental com a comunidade. Em sua construção foram usados materiais que causam baixo impacto ambiental e sua arquitetura é bioclimática, levando em consideração a altura do prédio, a posição em relação ao sol, a abertura das janelas e o paisagismo ao redor. O Ecomuseu, inaugurado em 1987 como um museu diferente dos tradicionais, e pioneiro no gênero na América Latina, ocupa uma área de 1.400 m². A abordagem principal de seu acervo é o homem criando técnicas. Dividido em módulos, o circuito do museu mostra os principais fatos relativos à história da Itaipu e da região, contados de forma contemporânea, por meio de recursos como cenários, maquetes e tecnologia computadorizada.

Todo este complexo turístico, aliado ao fator da alta capacidade na produção de energia elétrica, faz da Usina de Itaipu um grande monumento construído já integrado na atividade do turismo de Foz do Iguaçu. Apesar de contemplar grandes espaços naturais, a hidrelétrica é uma paisagem artificial, construída a partir de interesses econômicos e que hoje, apesar de minimizar os impactos que causou com a barragem, não apaga que sua viabilização destruiu grandes áreas verdes e produtivas; parte do patrimônio cultural, que representava as características rurais da região; além de inundar as Sete Quedas do Guairá, paisagem natural e categorizada como atrativo de hierarquia máxima para o turismo, visto não haver outro lugar no mundo que contemple toda paisagem que as Sete Quedas representavam.

A partir dessas colocações sobre a paisagem de Foz do Iguaçu, podem-se auferir as críticas sobre a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, sendo que sua construção, conforme já comentado, causou a degradação ambiental de espécies da fauna e da flora na região lindeira, além é claro da fragmentação dos valores culturais e da memória das populações, atingidas diretamente com a edificação da barragem.

Como o objetivo inicial deste artigo era de identificar qual o atrativo de hierarquia máxima do complexo turístico de Foz do Iguaçu, além das características já apresentadas acerca da paisagem em questão, cabe aqui ainda apresentar os dados de visitação do ano de 2006 dos dois atrativos, Parque Nacional do Iguaçu e Usina Hidrelétrica de Itaipu, extraídos do anuário estatístico da Secretaria Municipal de Turismo do município, sendo que o parque nacional recebeu cerca de 954.039 visitantes, enquanto que a usina recebeu 422.421.

A estatística comprova claramente que o principal atrativo de Foz do Iguaçu é o parque nacional, sem dúvida devido à demanda para visitação diretamente nas Cataratas do Iguaçu, colocando em evidência, desse modo, a paisagem natural sobre a paisagem artificial da localidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem tem uma importante função de interesse comum em relação à cultura, à ecologia, ao meio ambiente e à sociedade e constitui um recurso favorável à atividade econômica. Se protegida, administrada e planejada em modo adequado, a paisagem pode contribuir também para amenizar impactos sócioeconômicos, é neste moldes que se apresenta a paisagem natural do parque nacional, concluindo que os turistas visitam Foz do Iguaçu motivados por este atrativo, tornando a relação da Tríplice Fronteira e da Usina de Itaipu atrativos secundários. Como recomendação final, considera-se a importância de estudos sobre a paisagem de Foz do Iguaçu, sendo um destino consolidado no cenário turístico brasileiro, é necessário explorar seus atrativos principalmente por meio de pesquisas acadêmicas buscando compreender tanto a complexidade da cidade quanto da paisagem formada e as consequências que essa interação reflete na atividade turística.

REFERÊNCIAS

- BERTRAND, G. **Cadernos de Ciências da Terra: Paisagem e Geografia Física Global**. São Paulo: USP, 1971.
- BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do Espaço Turístico**. Trad. Josely Vianna Batista. Bauru: EDUCS, 2002.
- _____. **Planificación del Espacio Turístico**. 3. ed. México: Trillas, 1997.
- CARA, Roberto Bustos. El Turismo y los Procesos de Transformación Territorial. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.) **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1999.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo e Ordenação do Espaço Urbano. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.) **Turismo Urbano**. São Paulo: Contexto, 2000.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. As paisagens artificiais criadas pelo turismo. *In*: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Política de Turismo e Território**. São Paulo: Contexto, 2000.

DOLLFUS, Oliver. **O Espaço Geográfico**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

ENGESAT. Disponível em: <www.engesat.com.br>. Acessado em: 20 de março de 2008.

FERNANDES, Diogo Luders. **Irati e Prudentópolis – PARANÁ**: Análise da paisagem urbana enquanto potencial turístico. (Dissertação) Mestrado em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Balneário Camboriú, 2006.

GUIAP. Disponível em: <www.guiap.com.br>. Acessado em: 03 de agosto de 2007.

GOMES, Edvania. **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

HILLESHEIM, Christiane B. V. **Turismo e Paisagem**: a influência da atividade turística na paisagem natural do município de Bombinhas (SC) entre 1960 e 2005. (Dissertação). Mestrado Acadêmico de Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, Balneário Camboriú, 2005.

IGUASSU FALLS TOUR. Disponível em: <www.iguassufallstour.com.br>. Acessado em 20 de março de 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – IBAMA Disponível em: <www.ibama.gov.br>. Acessado em: 03 de agosto de 2007.

ITAIPU BINACIONAL. Disponível em: <www.itaipu.gov.br>. Acessado em: 03 de agosto de 2007.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. A Paisagem como fato cultural. *In*: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do Ecoturismo**. São Paulo: SENAC, 2002.

POLETTE, M. Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito. **Revista Turismo Visão e Ação**, ano 2, n. 3, p. 83-94, abr./set, Itajaí: UNIVALI, 1999.

RIGOBELLO, Anna Maria Felipin. **Foz do Iguaçu/PR**: Potencialidade Turística do Patrimônio Cultural arquitetônico com significação histórica. (Dissertação). Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Balneário Camboriú, 2006.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Turismo e Planejamento Sustentável**: a proteção do meio ambiente. 8.ed. São Paulo: Papirus, 2001.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 4.ed. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. **O novo mapa do mundo**: fim do século e globalização. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE FOZ DO IGUAÇU. Disponível em: <<http://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/portal2/home%5Fturismo/>>. Acessado em 05 de agosto de 2007.

TERKENLI, Theano S. Landscapes of tourism: towards a global cultural economy of space? **Tourism Geographies**, v. 4, n.3, p. 227-254, Northern Arizona University, Department of Geography, Planning and Recreating, 2002.

TROPMAIR, H. Ecologia da Paisagem: da geografia para ciência interdisciplinar. **Revista de Estudos Ambientais**, v. 3, n.1, p. 80-85, jan./abr., Blumenau, 2001.

YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.